

DEL

andri VI.

Cap d' Orange

Cap del

Olbia Fl Amazonum

540

Corup a

PRINCIPIATVS

Tapuyi

BRASILIA

REGIO

TUPIQUI

CRUCIS

de

FRANCISCA JÚLIA
DA SILVA

SENADO FEDERAL



MÁRMORES

de

FRANCISCA JÚLIA
DA SILVA

SENADO FEDERAL



MÁRMORES

Senado Federal
Mesa Diretora
Biênio 2019/2021

Senador Davi Alcolumbre (DEM-AP)	SUPLENTES DE SECRETÁRIO
PRESIDENTE	Senador Marcos do Val (PODEMOS-ES)
Senador Antonio Anastasia (PSDB-MG)	1º SUPLENTE
1º VICE-PRESIDENTE	Senador Weverton (PDT-MA)
Senador Lasier Martins (PODEMOS-RS)	2º SUPLENTE
2º VICE-PRESIDENTE	Senador Jaques Wagner (PT-BA)
Senador Sérgio Petecão (PSD-AC)	3º SUPLENTE
1º SECRETÁRIO	Senadora Leila Barros (PSB-DF)
Senador Eduardo Gomes (MDB-TO)	4º SUPLENTE
2º SECRETÁRIO	Ilana Trombka
Senador Flávio Bolsonaro (PSL-RJ)	DIRETORA-GERAL
3º SECRETÁRIO	Luiz Fernando Bandeira de Mello Filho
Senador Luis Carlos Heinze (PP-RS)	SECRETÁRIO-GERAL DA MESA
4º SECRETÁRIO	

Conselho Editorial
Senador *Randolfe Rodrigues*
PRESIDENTE

Secretaria de Editoração e Publicações
Fábrica Ferrão de Araújo
DIRETOR

Coleção Escritoras do Brasil, Volume IV

FRANCISCA JÚLIA DA SILVA

MÁRMORES

Prefácio

João Ribeiro

Brasília

Senado Federal

2020

© 2020 Senado Federal

COLEÇÃO ESCRITORAS DO BRASIL

Coordenação: Biblioteca do Senado Federal

Comissão editorial: Maria Helena de Almeida Freitas, Cleide de Oliveira Lemos, Patricia Coelho Ferreira Meneses da Silva e Mônica de Almeida Rizzo Soares

Supervisão editorial: Maria Helena de Almeida Freitas

Revisão e atualização ortográfica: Secretaria de Editoração e Publicações – SEGRAF

Projeto Gráfico: Serviço de Formatação – SEGRAF

Volume 4 - Mármore / Francisca Júlia da Silva

Capa: Rodrigo Corrêa Ribeiro

Foto de capa: escultura *Musa impassível*, de Victor Brecheret (1894-1955), esculpida em homenagem à Francisca Júlia (Acervo Pinacoteca do Estado de São Paulo)

As obras da autora e do prefaciador estão em domínio público, conforme Lei nº 9.610/1998. O original desta obra, publicado em 1895 pelo editor Horacio Belfort Sabino, foi baixado do sítio da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM-USP), com a autorização de seu representante técnico. A foto da escultura *Musa impassível*, utilizada na capa, é de autoria de Rodrigo Tetsuo Argenton, tendo sido retirada do sítio da Wikimedia Commons, File:Musa impassível – Victor Brecherett.jpg (CC BY-SA 4.0), em 25 nov. 2019.

Silva, Francisca Júlia da, 1871-1920.

Mármore / Francisca Júlia da Silva ; prefácio João Ribeiro. --

Brasília : Senado Federal, 2020.

110 p. -- (Coleção escritoras do Brasil ; v. 4)

Inclui notas explicativas.

1. Poesia, Brasil, séc. XIX. 2. Literatura, Brasil, séc. XIX.

I. Título. II. Série.

CDD B869.1

ISBN: 978-85-528-0072-9

Senado Federal

Praça do três Poderes s/nº

Brasília DF

CEP 70165-900

livraria.senado.leg.br

A meus pais

SUMÁRIO

Nota do editor	9
Prólogo	11
I Musa Impassível	19
II A um artista	21
III Os argonautas	23
IV Mahabarata	25
V Rainha das águas	27
VI Sonho africano	29
VII Paisagem	31
VIII Vênus	33
IX Em Sonda	35
X A caçada	37
XI No campo.....	39
XII Noturno	41
XIII A noite	43
XIV A Ondina	45
XV Aurora	47
XVI A um poeta	49
XVII À noite	51
XVIII Inverno	53

LIEDER DE GOETHE

I Calme de la mer	57
II Lied sicilien	59
III La prude.....	61

H. HEINE NÚMEROS DO INTERMEZZO

I	65
II	67
III	69
IV	71

BALADA

I	Balada	75
II	A florista	77
III	Inconsoláveis	79
IV	Estela	81
V	De joelhos	83
VI	No boudoir	85
VII	D. Alda	87
VIII	No baile	89
IX	Mudez	91
X	Pérfida	93
XI	Laura	95
XII	As duas irmãs	97
XIII	A uma criança	99
XIV	Quadro incompleto	101
XV	Prece	103
XVI	Mãe	105
XVII	Egito	107
XVIII	Musa impassível	109

NOTA DO EDITOR

Francisca Júlia dividiu *Mármore*s em quatro partes diferentes. A primeira compõe-se de dezoito sonetos da poeta. Seguem-se duas partes de poemas traduzidos, a primeira com três poemas de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) e a seguinte com quatro poemas de Heinrich Heine (1797-1856). A última parte, intitulada *Balada*, traz outros dezoito poemas de Francisca Júlia.

Tanto o primeiro poema da primeira parte quanto o último da quarta têm o mesmo título, *Musa impassível*, sendo, porém, duas peças distintas.

Iniciando os poemas de Heine, na obra original estava grafado “A. Heine”, ao invés de “H. Heine”. Este erro de impressão foi corrigido na presente edição.

Para facilitar a leitura, foram incluídas notas no decorrer da obra com os significados dos poucos termos que não são mais encontrados nos dicionários atuais, como também notas com a tradução das frases em outros idiomas. No restante, procurou-se manter a fidelidade ao texto original, limitando-se as modificações apenas no tocante à atualização ortográfica.

PRÓLOGO¹

Nunca pensei eu que me coubesse algum dia tarefa tão difícil e tão ditosa ao mesmo tempo, qual a de prefaciar um livro como o da excelsa poetisa paulista cujo nome hoje é conhecido de todos os que se dedicam ao culto da literatura neste país.

Uma injusta apreciação, concluída, e mal concluída, da minha atitude crítica contra uma escritora de talento, havia-me perfidamente criado a pequenina fama (de resto, indigna de mim) de homem selvagem que só via nas mulheres as aptidões inferiores das cozinheiras. E como *o homem é de fogo para a mentira*, no dizer do fabulista, fui logo definitivamente julgado e condenado.

Há em tudo isto uma grave injustiça.

Vivendo nessa pátria que se orgulha dos nomes gloriosos de Narcisa Amália, Adelina Vieira, Júlia Lopes de Almeida, Zalina Rolim e Júlia Cortines, eu sentia com ela esse mesmo nobre orgulho, e ninguém de boa-fé poderia acatar essa dura malevolência contra as minhas verdadeiras opiniões.

Por isso é que a ocasião de apresentar o nome da autora dos *Mármore*s me depara hoje um ensejo feliz de reabilitação no conceito dos mais opiniáticos.

A tarefa que hoje desempenho, não sem o sobressalto da minha humilde condição, e mesmo sem possuir a autoridade necessária para realçar o mérito obscuro ainda e para recomendar o livro que tenho em mãos, justifica-se igualmente por boas e excelentes razões que não me é lícito, um momento só, ocultar. Não só os *Mármore*s por si sós dispensam qualquer elogio antecipado ao do público, mas quase todos eles já não carecem de favor; foram carinhosamente esculpidos, finamente cinzelados para a galeria artística da *Semana*², e aí foram consagrados, defini-

¹ Foram conservados os dois termos: Prefácio, na capa, e Prólogo, no texto, conforme o original de 1895, (nota do editor).

² *A Semana* foi um periódico literário do Rio de Janeiro, criado (em 1885) e dirigido

tivamente, pelo aplauso de Araripe Júnior, Lúcio de Mendonça, Valentim Magalhães, Xavier da Silveira, Silva Ramos, Fontoura Xavier, Escragnolle Doria, Max Fleiuss, Luiz Rosa, Américo Moreira e eu. Deste modo, já não teria receio dos exageros da minha opinião individual; acha-se ela firmada pela colaboração de ilustres confrades cujo critério se eleva acima de toda a suspeita.

O nome da poetisa era aclamado; as suas produções, em manuscrito ainda quente das emoções do seu estro, criaram em torno de nós, como um vidro de perfume ao quebrar-se, uma atmosfera deliciosa de Arte e de Sentimento. E dessa invisível redoma, de onde uma nova alquimia tirava novos mundos, renasciam as paisagens pagãs, com os seus lácteos rios elevando murmúrios às frondes que os passavam ao céu azul, nessa ascensão de prece panteísta da terra profunda ao céu alto e luminoso.

E todos nós inquiríamos se era verdadeiramente de mulher aquele coração enérgico e possante, capaz de propelir o sangue de um milhão de artérias.

Foi, pois, principalmente nas páginas da *Semana* que a reputação de Francisca Júlia se tornou durável, sólida e indestrutível.

E quando ela vinha todos os sábados, com o fulgor e a pontualidade de um planeta, era logo cercada da admiração e do antigo aplauso com que todos nós a recebíamos. A sua poesia enérgica, vibrante, trazia a veemência de sonoridades estranhas, nunca ouvidas, uma música nova de que as cítaras banais do nosso Olimpo nos haviam desacostumado.

A banalidade vulgar e desolante do comum das poesias escritas outrora por mulheres; esses versos minados de tuberculose, de voz rouca e doentia, quase espremidos com o último alento vital, habituaram-nos a registrar cada estreia feminina sempre com a mesma velha sigla: *Está conforme*. Era como se disséssemos: – *Pode baixar à enfermaria*.

Mas dessa languidez antipática e irracional, nasceu, como devia nascer, a reação.

Ainda ultimamente, o livro de Júlia Cortines foi mais um clamor de energia contra essa tísica endêmica do Parnaso.

Pois que! Essas boas senhoras e essas gentis meninas, rubicundas e gordas, bonitas e risonhas, espirituosas todas, e algumas até glotonas, andavam a chorar pelos cantos da casa e a morrer em cada verso?

Francisca Júlia tem pouco mais de vinte anos de idade³. Sentiu-se a custo, às vezes, nas suas produções, a ternura dos verdes anos que só a adolescência é capaz de sugerir e realizar, porque a frieza clássica dos seus versos é absoluta. Sabemos que aos 14 anos escrevia já os primeiros versos. Estreou no *Estado de São Paulo* e colaborou em várias outras folhas, no *Correio Paulistano*, no *Diário Popular*, no *Álbum*, e finalmente na *Semana* de onde irradiou seu nome para todos os ângulos do país.

Eis o que sei da sua curta biografia. Talvez, um dia, num livro que será extremamente curioso e sugestivo, ela nos conte a sua história íntima com aquela deliciosa linguagem pura e desataviada de ornatos, que transpira das suas cartas.

O caráter preponderante da sua poesia é, talvez, o amor da beleza clássica, tal qual a idearam os helenos de Péricles; o sentimento abstrato e profundo do número, do ritmo e da harmonia. Em uma palavra: – mais êxtase do que paixão. Bastaria para prová-lo esse soneto dos *Argonautas* que parece um baixo relevo de mármore, tal a fria correção do desenho, soneto que é, de certo, um dos mais belos e mais bem-acabado entre os da nossa língua.

Os argonautas

*Mar fora, ei-los que vão cheios de ardor insano.
Os astros e o luar – amigas-sentinelas,
Lançam bênçãos de cima às largas caravelas
Que rasgam fortemente a vastidão do oceano.*

Ei-los que vão buscar noutras paragens belas

³ Nasceu em S. Paulo aos 31 de agosto de 1874 e é filha do sr. Miguel Luso da Silva e da exma. Sra. D. Cecília Izabel da Silva.

*Infintos cabedais de algum tesouro arcano...
E o vento austral que passa, em cóleras, ufano,
Faz palpitar o bojo às retesadas velas.*

*Novos céus querem ver, miríficas belezas;
Querem também possuir tesouros e riquezas,
Como essas naus, que têm galhardetes e mastros...*

*Ateiam-lhes a febre essas minas supostas
E, olhos fitos no vácuo, imploram, de mãos postas,
A áurea benção dos céus e a proteção dos astros...*

Na *Musa impassível* há idêntica perfeição de sonoridade; soa-nos ao ouvido a complicação orquestral de um poema sinfônico; todos os rumores são harmoniosos; e o pensamento já não é expresso pela vulgaridade da articulação e do vocábulo, mas escoia e brota da música complexa, da forma mesma dos versos.

Dá-me o hemistíquio de ouro...

*Versos que lembrem, com seus bárbaros ruídos,
Ora o áspero rumor de um calhau que se quebra,
Ora o surdo rumor de mármore partidos.*

Outras vezes, na solidão da floresta, é ainda uma sonoridade selvagem que desperta e impressiona o astro da poetisa e ela traduz nesse verso esguio e fremente:

“Entre as folhas sibila a estrídula cigarra”.

Se eu tivesse de fazer uma análise psicológica, (de cujo horror os leitores se livrariam a tempo) diria que a sensação predominante na compleição física e intelectual de Francisca Júlia é a *sensação auditiva*; ela sabe tirar dos ruídos caóticos e irregulares da natureza as vibrações isócronas e musicais, e dá-lhes um relevo distintivo,

como um artista sabe, com o pincel, desdenhando o detalhe, distinguindo as manchas do colorido geral da paisagem.

Um subsídio para essa afirmativa psicológica, bem pode ser a miopia da gentil poetisa. À deficiência da vista, procurou equilíbrio no ouvido, com a vantagem inegável de que a miopia natural, quando não é excessiva, é um bom elemento de educação da percepção visual na arte, por isso que facilita a visão das massas e suprime o incômodo das minúcias.

E querem avaliar os leitores como essa gentil criança *sabe ver* a natureza?

Ponham diante dos olhos esse trecho de paisagem africana em dia de calma:

*Calma em tudo: Dardeja o sol raios tranquilos...
Desce um rio, a cantar.... Coalham-se à tona d'água,
Em compacto apertão, os velhos crocodilos...*

Na mesma poesia (*Sonho africano*) que é toda um primor de arte, encontra-se esta imagem digna de um pincel impressionista:

*Ei-lo em sua choupana. A Lâmpada, suspensa
Ao teto, oscila; a um canto, um velho e ervado fimbo
Entrando, porta a dentro, o sol forma-lhe um nimbo
Cor de cinabre em torno à carapinha densa.*

Na poesia *De joelhos*, que é uma tentativa de versos simbólicos, místicos, ou decadistas, – a autora tira todos os efeitos admiráveis de luz, de som e de movimento. Toda a luz do quadro só permite ver a monja e dela a princípio, os olhos altos, presos ao teto, e depois os braços e o rosto branco; percebe-se o murmúrio sonoro da reza cochichada, contínua...

*Reza de manso... Toda de roxo,
A vista no teto presa,
Como que imita a tristeza
Daquele círio trêmulo e frouxo.*

E os dois aspectos artísticos, de luz e som, o do murmúrio e o da imagem branca da monja, vão-se alternando nas estrofes:

*Salmos doridos, cantos aéreos,
Melodiosos gorjeios,
Roçam-lhe os ouvidos, cheios
De misticismo e de mistérios.*

*Quanta tristeza, quanto desgosto
Mostra na alma aberta e franca,
Quando fica branca, branca,
As mãos erguidas, pálido o rosto...*

*Parece estar no Outro-Mundo
De outros mistérios e de outras vidas.*

Não tenho hoje hesitação alguma, quaisquer que sejam as consequências do asserto, em afirmar que depois da geração que costumamos simbolizar nos nomes de Raimundo Correia, Olavo Bilac e Alberto Oliveira, tenha aparecido um poeta que se avante, ou, sequer, iguale à autora dos *Mármore*s. Nem aqui, nem no sul, nem no norte onde agora floresce uma escola literária (*A Padaria espiritual* do Ceará) encontro um nome que se possa opor ao de Francisca Júlia.

Todos lhe são positivamente inferiores no estro, na composição e fatura do verso; nenhum possui em tal grau o talento de reproduzir as belezas clássicas com essa fria severidade de forma e de epítetos de que Heredia e Leconte deram o exemplo na literatura francesa; nenhum jamais dentre os místicos e nefelibatas de Lisboa ou do Rio de Janeiro, se elevou a essa região serena do misticismo que a poesia *De joelhos* nos revela com tão extraordinária emoção.

Como tradutora, Francisca Júlia tem igualmente qualidades apreciáveis.

Contribuiu ela com alguns formosos números para a tradução brasileira do *Intermezzo* de Heine, publicada pela *Semana*.

Por esse tempo, um crítico alemão publicou no *Tagblatt*⁴ uma extensa apreciação sobre a tradução brasileira. Era natural que ao Sr. Emílio Strauss fossem estranhas as harmonias do nosso idioma; por isso o crítico foi desapiedado para com poetas da estatura de Raimundo Correia e Luiz Delfino, ao passo que elevou às nuvens poetas estimáveis, mas de menos fôlego. O crítico apenas deixa-se levar pelo critério da *tradução literal rigorosa*, o que muitas vezes conduz aos maiores absurdos; na poesia, não só o vocábulo, mas a melodia e o ritmo são elementos iguais de expressão, e esses últimos elementos são tanto mais intensos quanto cresce a distância entre a civilização e a língua do poeta original e a do poeta que traduz.

Analisando, com seu estreito critério, Emílio Strauss não pôde compreender o mérito das traduções de Francisca Júlia.

Que a nossa poetisa pôde traduzir mesmo *literalmente* e com o maior rigor de fidelidade as belezas da poesia alemã, é verdade que ninguém poderia com decência encobrir.

No presente volume os leitores encontrarão um *lied* de Goethe – *Calma do mar* – (Meeres Stille) que pôde ser cotejado com o original alemão.

Os dois últimos versos

*In der ungeheuern Weite
Reget keine Welle sich*

São traduzidos com rigor literal:

Em todo o vasto mar, em parte alguma,

⁴ Folhetins do *Tagblatt* de S. Paulo, sob o título Eine brasilianische Heine-Mebersetzung, entre 23 de junho e 3 de julho de 1894.

A mais pequena vaga se levanta.

Entretanto, não seria de todo inútil apontar à gentil poetisa os perigos e as desvantagens da *paráfrase*, quando se pode traduzir com a fidelidade e a elegância que transpiram nos dois versos acima transcritos.

Vou concluir.

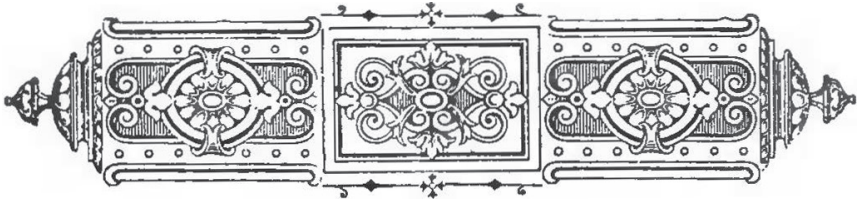
Aos que vão começar a deliciosa leitura dos *Mármore*s, peço perdão dessa palestra importuna, inculta e bárbara, sem atavios de estilo, e, todavia, sem a singeleza que reclamaria o pórtico desse tempo suntuoso. A Machado de Assis ou a Raul Pompeia caberia essa arquitetura preliminar.

Mas também o contraste é excelente recurso para efeitos necessários.

Sirva isso de prólogo e de contraste à grandiosa beleza dos *Mármore*s.

Rio, 1 de janeiro de 1895.

João Ribeiro



I

Musa Impassível

Musa! Um gesto sequer de dor ou de sincero
Luto jamais te afeie o cândido semblante!
Diante de um Jó, conserva o mesmo orgulho, e diante
De um morto, o mesmo olhar e sobreceño austero.

Em teus olhos não quero a lágrima; não quero
Em tua boca o suave e idílico descante.
Celebra ora um fantasma anguiforme de Dante.
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemistíquio d'ouro, a imagem atrativa;
A rima cujo som, de uma harmonia crebra,
Cante aos ouvidos d'alma; a estrofe limpa e viva;

Versos que lembrem, com seus bárbaros ruídos,
Ora o áspero rumor de um calhau que se quebra,
Ora o surdo rumor de mármore partidos.

II

A um artista

A meu irmão, Júlio César da Silva

Mergulha o teu olhar de fino colorista
No azul; medita um pouco, e escreve; um nada quase:
Um trecho só de prosa, uma estrofe, uma frase
Que patenteie a mão de um requintado artista.

Escreve! Molha a pena, o leve estilo enrasta!
Pinta um canto de céu, uma nuvem de gaze
Solta, brilhante ao sol; e que a alma se te vase
Na cópia dessa luz que nos deslumbra a vista.

Escreve! ... Um céu ostenta o matiz da celagem
Onde erra o sol, moroso, entre vapores brancos,
Irisando, ao de leve, o verde da paisagem...

Uma ave banha ao sol o esplendido plumacho...
Num recanto de bosque, a lamber os barrancos,
Espumeja em cachões uma cachoeira em baixo...

III

Os argonautas

A Carlos Coelho

Mar fora, ei-los que vão cheios de ardor insano.
Os astros e o luar – amigas sentinelas –
Lançam bênçãos de cima às largas caravelas
Que rasgam fortemente a vastidão do oceano.

Ei-los que vão buscar noutras paragens belas
Infundos cabedais de algum tesouro arcano...
E o vento austral que passa em cóleras, ufano,
Faz palpitar o bojo às retesadas velas.

Novos céus querem ver, miríficas belezas;
Querem também possuir tesouros e riquezas
Como essas naus que têm galhardetes e mastros...

Ateiam-lhes a febre essas minas supostas...
E, olhos fitos no vácuo, imploram, de mãos postas,
A áurea benção dos céus e a proteção dos astros...

IV

Mahabarata

Abre esse grande poema onde a imaginativa
De Vyasa, num fragor ecoante de cascata,
Tantas façanhas conta e dessa estrênuia e diva
Progênie de Pandú tantas glórias relata!

Ora Kansa, a suprema encarnação do Siva,
Ora os suaves perfis de Krichna de Virata
Perpassam, como heróis, numa onda reversiva,
Nas estrofes caudais do grande Mahabarata.

Olha este incêndio e pasma: aspecto belo e triste!
Caminha agora a passo este deserto areoso ...
Por cima o céu imenso onde palpitam sóis...

Corre tudo, ofegante, e finalmente assiste
À ascensão de Iudhishthira ao Indra luminoso
E à apoteose final dos últimos heróis.

V

Rainha das águas

A Alberto di Oliveira

Mar fora, a rir, da boca o fulgido tesouro
Mostrando, e sacudindo a farta cabeleira,
Corta a planura ao mar, que se desdobra inteira,
Numa varina⁵ azul orladurada de ouro.

Rema, à popa, um tritão de escameo⁶ dorso louro;
Vão à frente os delfins; e, marchando em fileira,
Das ondas a seguir a luminosa esteira,
Vão cantando, a compasso, as piérides em coro.

Crespas, cantando em torno, as vagas, em surdina,
Lambem de popa à proa o casco da varina
Que prossegue, mar afora, a infinda rota, ufana...

E, no alto, o louro sol que assoma, entre desmaios,
Saúda esse outro sol de coruscantes raios
Que orna a cabeça real da bela soberana.

⁵ Embarcação estreita de remos.

⁶ Escamoso.

VI

Sonho africano

A João Ribeiro

Ei-lo em sua choupana. A lâmpada, suspensa
Ao teto, oscila; a um canto, um velho e ervado fimbo⁷.
Entretanto, porta dentro, o sol forma-lhe um nimbo
Cor de cinabre em torno à carapinha densa.

Estira-se no chão... tanta fadiga e doença!
Espreguiça, boceja... O apagado cachimbo
Na boca, nessa meia escuridão de limbo,
Mole, semicerrando os dúbios olhos, pensa...

Pensa na longe pátria... As florestas gigantes
Se estendem, sob o azul, onde, cheios de mágoa,
Vivem negros pitus e enormes elefantes...

Calma em tudo. Dardeja o sol raios tranquilos...
Desce um rio, a cantar... Coalham-se à tona d'água,
Em compacto apertão, os velhos crocodilos...

⁷ Pedaco de pau tostado, usado como arma por africanos.

VII

Paisagem

Dorme sob o silêncio o parque. Com descanso,
Aos haustos, aspirando o finíssimo extrato
Que evapora a verdura e que deleita o olfato,
Pelas alas sem fim das árvores avanço.

Ao fundo do pomar, entre as folhas, abstrato
Em cismas, tristemente, um alvíssimo ganso
Escorrega de manso, escorrega de manso
Pelo claro cristal do límpido regato.

Nenhuma ave sequer, sobre a macia alfombra,
Pousa. Tudo deserto. Aos poucos escurece
A campina, a rechã⁸ sob a noturna sombra.

E enquanto o ganso vai, abstrato em cismas, pelas
Selvas adentro entrando, a noite desce, desce...
E espalham-se no céu camândulas de estrelas.

⁸ Planalto, chapada.

VIII

Vênus

A Vítor Silva

Branca e hercúlea, de pé, num bloco de Carrara,
Que lhe serve de trono, a formosa escultura,
Vênus, tímido o colo, em severa postura,
Com seus olhos de pedra o mundo inteiro encara.

Um sopro, um quê de vida o gênio lhe insuflara;
E impassível, de pé, mostra em toda a brancura,
Desde as linhas da face ao talhe da cintura,
A majestade real de uma beleza rara.

Vendo-a nessa postura e nesse nobre entono
De minerva marcial que pelo gládio arranca,
Julgo vê-la descer lentamente do trono.

É, na mesma atitude a que a insolência a obriga,
Postar-se à minha frente, impassível e branca,
Na régia perfeição da formosura antiga.

IX

Em Sonda

Quieta, enrolada a um tronco, ameaçadora e hedionda,
A *boa* espia Em cima estende-se a folhagem
Que um vento manso faz oscilar, de onda em onda,
Com a sua noturna e amorosa bafagem.

Um luar mortiço banha a floresta de Sonda,
Desde a copa da faia à esplêndida pastagem;
E o ofidiano⁹ escondido, olhos abertos, sonda...
Vai passando, tranquilo, um búfalo selvagem

Segue o búfalo, só... mas suspende-lhe o passo
O ofidiano cruel que o ataca de repente,
E que o prende, a silvar, com suas roscas de aço.

Tenta o pobre lutar; os chavelhos enresta;
Mas tomba de cansaço e morre... Tristemente
No alto se esconde a lua, e cala-se a floresta...

⁹ Relativo a cobras. No texto, uma cobra.

X

A caçada

A Valentim Magalhães

Ao mirante gentil de construção bizarra
Acabou de subir naquele mesmo instante
Em que o seu noivo foi à caça; e, palpitante,
Lá fora cuida ouvir os sons de uma fanfarra.

E, ao mesmo tempo ouvindo o selvagem descante
Que, entre as folhas, sibila a estrídula cigarra,
Ela vai ler a carta onde o seu noivo narra
A dor que há de sofrer quando estiver distante...

E dorme, vendo o sol que, através de uma escassa
Nuvem branca, ilumina as íngremes encostas
Dos montes onde ondeja¹⁰ a matilha da caça;

E, bem de perto, ao rumor de trompas e ladridos,
O seu noivo gentil que, de espingarda às costas,
Lhe oferta uma porção de pássaros feridos...

¹⁰ O mesmo que ondear ou ondular: formar ondas ou ondulações, mover-se em ondulações.

XI

No campo

A Max Fleiuss

O olhar choroso sob as negras sobrancelhas,
Costas abaixo solta a negra trança basta,
A campônia vai guiando, a picadinhas d'hasta¹¹,
Um rebanho gentil de cândidas ovelhas.

Uma junta de bois morosa, em meio à vasta
Nava, arrastando vai umas charruas velhas...
E escutando o raspar monótono das relhas,
Queda-se na planície um grande boi que pasta...

E some-se o rebanho. Uma sombra flutuante
Paira sobre a extensão da planície, distante...
Na espessura a campônia esconde-se depois.

E, ao longe, sob o céu, como uma prece estranha
Que desperta a mudez do campo e da montanha,
Chora no ar o mugir dos fatigados bois.

¹¹ Arma formada por uma haste e uma extremidade pontiaguda; lança.

XII

Noturno

Pesa o silêncio sobre a terra. Por extenso
Caminho, passo a passo, o cortejo funéreo
Se arrasta em direção ao negro cemitério...
À frente, um vulto agita a caçoula do incenso.

E o cortejo caminha. Os cantos do saltério
Ouvem-se. O morto vai numa rede suspenso;
Uma mulher enxuga as lágrimas ao lenço;
Chora no ar o rumor de um misticismo aéreo.

Uma ave canta; o vento acorda. A ampla mortalha
Da noite se ilumina ao resplendor da lua...
Uma estrige soluça; a folhagem farfalha.

E enquanto paira no ar esse rumor das calmas
Noites, acima dele, em silêncio, flutua
O Lausperene mudo e súplice das almas.

XIII

A noite

A Wenceslau de Queiroz

Um vento fresco e suave entre os pinhais murmura.
A noite, aos ombros solta a desgrenhada coma,
No seu plaustro de crepe, entre as nuvens assoma...
Tornam-se o campo e o céu de uma cor mais escura.

Um novo aspecto em tudo. Um novo e bom aroma
De látiros¹² exala a amplíssima verdura.
Num hausto longo, a Noite, aos ares a frescura
Doce, entreabrindo a flor dos negros lábios, toma...

Por vales e rechãs caminha, passo a passo,
Atento o ouvido, à escuta... E no seu plaustro enorme,
Cujo rumor desperta a placidez do espaço,

À encantada região das estrelas se eleva...
E, ao ver que dorme o espaço e o mundo inteiro dorme,
Volve, quieta, de novo, à habitação da treva...

¹² Gênero de plantas faseoláceas; plantas das famílias das leguminosas.

XIV

A Ondina

Rente ao mar que soluça e lambe a praia, a Ondina,
Solto, às brisas da noite, o áureo cabelo, nua,
Pela praia passeia. A opálica¹³ neblina
Tem reflexos de prata à refração da lua.

Uma velha goleta encalhada, a bolina
Rota, pompeia no ar a vela, que flutua.
E, de onda em onda, o mar, soluçando em surdina,
Empola-se espumante, à praia vem, recua...

E, surdindo da treva, um monstro negro, fito
O olhar na Ondina, avança, embargando-lhe o passo...
Ela tenta fugir, sufoca o choro, o grito...

Mas o mar, que, espreitando-a, as ondas avoluma,
Roja-se aos pés da Ondina e esconde-a no regaço,
Envolvendo-lhe o corpo em turbilhões de espuma.

¹³ Que é de uma cor leitosa e azulada; opalina; da cor da opala.

XV

Aurora

Mensageira da luz, a brisa corre. A Aurora
Do seu leito real de tiro se levanta.
Toda a campina acorda em festa. Cada planta
Mostra o sorriso ideal da matutina Flora.

Um cheiro doce e fresco a verdura evapora.
A araponga, afinando a matinal garganta,
Grita; um pássaro geme; a patativa canta...
Todo o campo é uma orquestra harmônica e sonora.

Vara o diáfano véu da alvíssima neblina
Uma seta de sol. E a floresta, a campina,
Ainda cheias de luz de um pálido arrebol,

Descortinam-se ... E em pouco, a campina, a floresta,
Cheias do riso bom da natureza em festa,
Palpitam sob a luz fecundante do sol.

XVI

A um poeta

Poeta, quando te leio, a angústia dolorida
Que te mina a existência e que em teu peito impera,
Faz-me também sofrer, d'alma se me apodera,
Como se da minh'alma ela fosse nascida.

Sinto o que sentes: ora a lágrima sincera
Que foi pela saudade ou pelo amor vertida,
Ora a mágoa que habita em tua alma, – guarida
Onde a negra legião das mágoas se aglomera.

Não há nos versos teus um sentimento alheio
A esse teu coração macerado de fráguas;
Há neles ora o suave e módulo gorjeio

Das aves, ora a queixa harmônica das águas...
Leio os teus versos; e, em minh'alma, quando os leio,
Vai gemendo, em surdina, a música das mágoas...

XVII

À noite

Eis-me a pensar, enquanto a noite envolve a terra;
Olhos fitos no vácuo, a amiga pena em pouso,
Eis-me, pois, a pensar... De antro em antro, de serra
Em serra, ecoa, longo, um *réquiem* doloroso.

No alto da estrela triste as pálpebras descerra,
Lançando, noite a dentro, o claro olhar piedoso.
A alma das sombras dorme; e pelos ares erra
Um mórbido langor de calma e de repouso...

Em noite escura assim, de repouso e de calma,
É que a alma vive e a dor exulta, ambas unidas,
A alma cheia de dor, a dor tão cheia de alma...

É que a alma se abandona ao sabor dos enganos,
Antegozando já quimeras pressentidas
Que, mais tarde, hão de vir com o decorrer dos anos.

XVIII

Inverno

A João Luso

Outrora, quanta vida e amor nestas formosas
Ribas! Quão verde e fresca esta planície, quando,
Debatendo-se no ar, os pássaros, em bando,
O ar enchia de sons e queixas misteriosas!

Tudo era vida e amor. As árvores copiosas
Mexiam-se, de manso, ao resfolego brando
Da brisa que passava em tudo derramando
O perfume sutil dos cravos e das rosas...

Mas veio o inverno; e vida e amor foram-se em breve.
O ar se encheu de rumor e de uivos desolados...
As árvores do campo, enroupadas de neve,

Sob o látego atroz da invernã que corta,
São esqueletos que, de braços levantados,
Vão pedindo socorro à primavera morta.

LIEDER DE GOETHE

I

Calme de la mer¹⁴

Tranquilo, o mar não canta nem ondeia;
O nauta, imerso noutro mar de mágoas,
Os olhos tristes e úmidos passeia
Pela tranquila quietação das águas.

A onda que dorme quieta, não espuma;
O austro que sonha plácido, não canta;
E em todo o vasto mar, em parte alguma,
A mais pequena vaga se levanta.

¹⁴ Calma do mar.

II

Lied sicilien¹⁵

Olhos! Que ateais os corações e a guerra,
Olhos, quando piscais, olhos de brasas,
Muralhas abalroam, caem casas,
E enormes paredões rolam por terra!

Assim, a um golpe rápido de vista,
Esta débil e trêmula muralha,
Dentro da qual meu coração trabalha,
Como quereis, dizei-me, que resista?

¹⁵ Canção siciliana.

III

La prude¹⁶

Deliciosa manhã de primavera doura
Os campos. Ainda dorme o sol. Mas a pastora,
Descuidosa, passeia, enfeitadinha já.
Quem a vê, a maciez das faces lhe namora.
E ela cantando vai pelos campos em fora:
Trá, la, lá! Trá, lá, lá!

Por um beijo um pastor oferta-lhe uma ovelha,
Duas, quantas quiser... E ela fica vermelha
De raiva, bate o pé... Tão formosa e tão má!
Encara-o com desprezo; e depois, apressando
Os passos, segue adiante, alígera, cantando:
Trá, lá, lá! Trá, lá, lá!

Um pastor lhe oferece o coração a ela;
Fitas outro pastor lhe oferta; mas a bela
Pastorinha gentil, enfasiada já,
Ri de ambos, como riu das ovelhinhas brancas
Do primeiro. E prossegue, entre risadas francas,
Trá, lá, lá! Trá, lá, lá!

¹⁶ A recatada.

H. Heine

Números do Intermezzo

I

Já te esqueceste, pois, inteiramente,
De que em melhores épocas da vida,
 Teu coração, querida,
Me palpitou no coração ardente?
Teu coração de leve mariposa
 Esvoaçante e terrena,
Tão pequeno e tão falso que outra coisa
Não pode haver mais falsa e mais pequena?

E, decerto também já te esqueceste
 Do pesar e do amor
 Com que tu me prendeste
O coração num círculo de dor.

Pesar e amor! Ambos me fazem doente;
 Ambos me são do pranto
 Incentivos fatais;
 E não sei, entretanto,
Se aquele pode ser maior do que este,
Pois sei apenas que ambos, igualmente,
 Já são grandes demais.

II

Meus cantos, cujo treno
Minh'alma escuta, amargurada e triste,
São repassados de letal veneno:
De outra forma não pode ser, querida,
Porque tu espargiste
Sobre a modesta flor da minha vida
O orvalho do veneno.

Meus cantos, cujo treno
Qualquer sorriso em lágrimas transforma,
São repassados de letal veneno;
Não pode ser, entanto, de outra forma,
Porque, em meio das coisas mais singelas
Que tenho n'alma, agitam-se, frementes,
Implacáveis serpentes...
E tu, formosa amante, és uma delas!

III

A noite é muda e triste. O espaço é triste e mudo.

E caminhando eu vou pela floresta espessa,

Rompendo a cerração.

As ramagens abalo, as árvores sacudo:

E elas movem de leve a rórida cabeça,

Num ar de compaixão.

IV

Floresta afora, além, no encontro das estradas,
Suicidas sem descanso,
Agitam-se no horror das covas profanadas.
Perto, uma flor azul desabrocha de manso:
Dão-lhe o nome de flor das almas condenadas.

Certa vez, eu lá fui. A noite estava fria;
O espaço mudo estava.
À beira de uma cova a flor azul tremia;
E entre nuvens de crepe, a lua, que passava,
Derramava-lhe em torno a sua luz sombria.

Balada

I

Balada

“Eu vou partir. A noite já desmaia.
Parto; por isso, cândida princesa,
Venho beijar as mãos à Vossa Alteza...
Botes e naus esperam-me na praia.

Tenho, decerto, de sofrer azares,
Dores sofrer; mas hei de, com denodo,
Pugnas vencer e conquistar de todo
Terras estranhas e remotos mares...

Não sei se morrerei; mas se, princesa,
Através de procelas e de escolhos
A negra morte me fechar os olhos,
Eu morrerei pensando em Vossa alteza.

Mas, forçoso é partir; adeus, senhora...”
“Conde, adeus...” murmurou, baixando a fronte.

A noite desmaiava. No horizonte
Já se movia o séquito da aurora.

E ela, a princesa, imersa num letargo,
Ficou olhando a vastidão do oceano.

Rompeu, enfim, o sol. E, a todo o pano,
A aventureira nau se fez ao largo...

II

A florista

Suspensa ao braço a grávida corbelha,
Segue a passo, tranquila... O sol faísca...
Os seus carmíneos lábios de mourisca
Se abrem, sorrindo, numa flor vermelha.

Deita à sombra de uma árvore. Uma abelha
Zumbe em torno ao cabaz.... Uma ave, arisca,
Bem perto dela pelo chão lambisca,
Olhando-a, às vezes, trêmula, de esguelha...

Aos ouvidos lhe soa um rumor brando
De folhas.... Pouco a pouco, um leve sono
Lhe vai as grandes pálpebras cerrando...

Cai-lhe de um pé o rústico tamanco...
E assim descalça, mostra, em abandono,
O vultinho de um pé macio e branco.

III

Inconsoláveis

Almas, por que chorais, se ninguém vos responde?
Almas, por quê? Deixai as lágrimas! Empós
Do ideal correi, correi a longes plagas, onde
Não exista ninguém que escarneça de vós.

Lançai o vosso olhar a longínquas paragens,
Bem distantes daqui, cheias de ideais risonhos,
Onde as aves do amor, sacudindo as plumagens,
Passem cantando ao longe a música dos sonhos...

A longes plagas onde estas misérias todas
Não consigam deixar o mínimo sinal;
Paragens onde, em meio às delirantes bodas
Dos sonhos e do amor, exulte e cante o Ideal...

Mas não, almas! Soltai a vossa queixa triste;
Contai ao mundo inteiro a vossa mágoa justa;
Essa terra de ideal, ó almas, não existe;
Inventei-a somente, e inventá-la não custa.

Pobres almas, lançai em torno a vossa vista:
Sempre haveis de encontrar essa miséria atroz.
Almas, chorai, que embora esse país exista,
Nele há de haver alguém que escarneça de vós.

IV

Estela

Como dormes feliz, anjo adorado,
Nesse teu berço, assim... tu, cujos olhos
Nunca viram misérias nem abrolhos,
Mas as vêm somente o maternal cuidado.

O anjo da guarda está velando ao lado
Do teu berço, a sorrir.... Os teus antolhos
São, por enquanto, os ondulantes folhos
Do teu bercinho de ébano lavrado.

Dorme, que enquanto o querubim de vela,
Ele te envolve nessa etérea veste
Que usam no céu os querubins, Estela;

Dorme; o teu sono cheio de fulgores
De certo eleva-te a um país celeste
Todo cheio de pássaros e flores.

V

De joelhos

A Santa Tereza

Reza de manso... Toda de roxo,
A vista no teto presa,
Como que imita a tristeza
Daquele círio trêmulo e frouxo...

E assim, mostrando todo o desgosto
Que sobre sua alma pesa,
Ela reza, reza, reza,
As mãos erguidas, pálido o rosto...

O rosto pálido, as mãos erguidas,
O olhar choroso e profundo...
Parece estar no Outro Mundo
De outros mistérios e de outras vidas...

Implora a Cristo, seu Casto Esposo,
Numa prece ou num transporte,
O termo final da Morte,
Para descanso, para repouso...

Salmos doridos, cantos aéreos,
Melodiosos gorjeios
Roçam-lhe os ouvidos, cheios
De misticismos e de mistérios...
Reza de manso, reza de manso,

Implorando ao Casto Esposo
A morte, para repouso,
Para sossego, para descanso

D'alma e do corpo que se consomem,
Num desânimo profundo,
Ante às misérias do Mundo,
Ante às misérias tão baixas do Homem!

Quanta tristeza, quanto desgosto,
Mostra na alma aberta e franca,
Quando fica, branca, branca,
As mãos erguidas, pálido o rosto...

O rosto pálido, as mãos erguidas,
O olhar choroso e profundo,
Parece estar no Outro Mundo
De outros mistérios e de outras vidas...

VI

No boudoir

Aguarda o jovem conde há quase uma hora,
Mudo, a agradável ocasião de vê-la.
A um canto de *boudoir*, altiva e bela,
Está sentada a viscondessa Aurora.

Entra e murmura: “Que brilhante estrela!
Vou confessar-lhe o meu amor agora...”
Depois, aproximando-se: “Senhora,
Tenho muito prazer em conhecê-la...”

E segreda baixinho: “Viscondessa,
É por Vossa Excelência que deliro...”
E ela, soerguendo, tímida, a cabeça,

Fita-o, sorrindo, nada lhe responde...
Solta apenas um trêmulo suspiro
Ao ver os olhos do formoso conde.

VII

D. Alda

(Lied MODERNO)

Hoje D. Alda madrugou. Às costas
Solta a opulenta cabeleira de ouro,
Nos lábios um sorriso de alegria,
Vai passear ao jardim; as flores, postas
Em longa fila, alegremente, em coro,
 Saúdam-na: “Bom dia! ”
D. Alda segue.... Segue-a uma andorinha;
Com seus raios de luz o sol a banha;
 E D. Alda caminha...
Uma porção de folhas a acompanha...

Caminha... Como um fulgido brilhante,
 O seu olhar fulgura.
Mas – que cruel! – ao dar um passo adiante,
Enquanto a barra do roupão sofralda,
Pisa um cravo gentil de láctea alvura!

E este, sob os seus pés, inda murmura:
“Obrigado, D. Alda.”

VIII

No baile

Flores, damascos... é um sarau de gala.
Tudo reluz, tudo esplandece e brilha;
Riquíssimos bordados de escumilha
Envolvem toda a suntuosa sala.

Moços, moças levantam-se; a quadrilha
Rompe; um suave perfume o ar trescala;
E Flora, a um canto, envolta na mantilha,
Espera que o marquês venha tirá-la...

Finda a quadrilha. Rompe a valsa inglesa.
E ela não quer dançar! Ela, a marquesa
Flora, a menina mais formosa e rica!

E ele não vem! Enquanto finda a valsa,
Ela, triste, a sonhar, calça e descalça
As finíssimas luvas de pelica!

IX

Mudez

Já rumores não há; não há; calou-se
Tudo. Um silêncio deleitoso e morno
 Vai-se espalhando em torno
Às folhagens tranquilas do pomar.

Torna-se o vento cada vez mais doce...
Silêncio.... Ouve-se apenas o gemido
De um pequenino pássaro perdido
Que inda espaneja as suas asas no ar.

Ouve-me, amiga, este é o Silêncio, o grande
Silêncio, o rei das trevas e da calma,
 Em que a nossa triste alma,
Penetrada de mágoas e de dor,
 Se dilata, se expande,
E seus segredos íntimos mergulha...
Prolonga-se a mudez: nenhuma bulha;
Já se não ouve o mínimo rumor.

Esta é a mudez, esta é a mudez que fala
(Não aos ouvidos, não, porque os ouvidos
Não conseguem ouvir esses gemidos
Que ela derrama, à noite, sobre nós)
 À alma de quem se embala
Numa saudade mística e tranquila ...
Nossa alma apenas é que pode ouvi-la,
E que consegue perceber-lhe a voz.

Escuta a queixa tácita e celeste
Que este silêncio fala a ti, tão triste...
E hás de lembrar o dia em que tu viste
Perto de ti, pela primeira vez,
 Alguém a quem disseste
Uma frase de amor, de amor... ó louca!
E que, no entanto, só mostrou na boca
A mais brutal e irônica mudez!

X

Pérfida

Disse-lhe o poeta: “Aqui sob estes ramos,
Sob estas verdes laçarias bravas,
Ah! Quantos beijos, trêmula, me davas!
Ah! Quantas horas de prazer passamos!

Foi aqui mesmo, – como tu me amavas!
Foi aqui, sob os flóridos recamos
Desta ramagem, que uma rede alçamos
Em que teu corpo, mole, repousavas.

Horas passava junto a ti, bem perto
De ti. Que gozo então! Mas pouco a pouco,
Todo esse amor calcaste sob os pés”.

Mas, disse-lhe ela, quem és tu? De certo,
Essa mulher de quem tu falas, louco,
Não, não sou eu, porque não sei quem és...

XI

Laura

Esta é a Laura, a riquíssima princesa
De negros olhos, elegante e bela,
A cujas plantas a áulica nobreza
Se roja, apenas a um sorriso dela.

Rosa de estranha e sensual fragrância,
Nascida em pobre e humílimo canteiro,
Em todos os certames da Elegância
Sempre conquista o galardão primeiro.

O seu esposo é um príncipe normando,
Louro e de face turgida e vermelha,
Em cujo olhar enérgico se espelha
A arrogância do orgulho e áspero mando.

Há tempos, Laura era a menina honesta,
Toda aos prazeres deste mundo alheia,
Que passava o viver nessa modesta
Vida tediosa e símplice de aldeia.

E quanta vez, à noite, a sós consigo,
Não fez correr as lágrimas no rosto,
Sem nunca achar em coração amigo
Que se doesse também com o seu desgosto!

Mas, um dia, a fortuna entrou-lhe à porta;
E, olhando derredor, vendo-a sozinha,

Com esse timbre de voz que a alma conforta,
“Laura, disse, levanta-te e caminha!”

E conduziu-a, pela mão, ao grande
Mundo do luxo pródigo e faustoso,
Onde, farta e soberba, a alma se expande,
Cheia do tédio mórbido do gozo.

Hoje é a Laura, a riquíssima princesa
De negros olhos, elegante e bela,
A cujas plantas a áulica nobreza
Se roja, apenas a um sorriso dela.

XII

As duas irmãs

Vem a primeira a fala-lhe em segredo:
“Amiga, vê, (nem sei como isto conte!)
Como correm as águas desta fonte:
Tal corre a vida, e acaba-se tão cedo!

Ama, pois!” A segunda, em cuja fronte
Brilha um raio de luz, murmura, a medo,
Apontando-lhe o chão: “Este é o degredo
Perpétuo e atroz do teu amor insonte.

Contudo, espera.” E somem-se a Esperança
E a Saudade. E ela fica, como douda,
A olhar o rastro dessas deusas belas...

E ela fica esperando-as.... Cansa, cansa
De esperá-las assim, a vida toda,
Sem jamais receber notícias delas! ...

XIII

A uma criança

(Imitação de Hugo)

*Vous qui ne savez pas combien l'enfance est belle,
Enfant! N'enviez point notre âge de douleurs...¹⁷*

Vitor Hugo.

Choras, criança, mas chorar não deves;
Entre a velhice e as tuas horas leves
 É pequena a distância;
 Choras de balde; choras,
Por que não sabes, flor, quanto são breves
 Da humana vida as horas,
Por que não sabes quanto é bela a infância!

Tu, cuja vida é um suave paraíso
 Adornado de flores,
Da nossa vida mísera de dores
 Amargas e revezes,
Nunca invejes o júbilo indeciso,
Porque teu pranto é menos triste, às vezes,
 Do que nosso sorriso.
 Os teus dias são rosas
Que vicejam, alegres e radiosas,
Nessas tuas manhãs de eternas galas;
Nunca as desfolhem, gárrula criança;
Deixa-as em paz, descansa,
Deixa que o tempo venha desfolhá-las.

¹⁷ “Você não sabe como é linda a infância,
Criança! Não inveje nossa idade de dor...”

XIV

Quadro incompleto

Foi um rico painel. Traço por traço,
Nele notava-se a paixão do artista.
Via-se, ao fundo, a tortuosa crista
De altas montanhas a beijar o espaço.

No centro, um rio, a distender o braço.
Selvas banhavam em triunfal conquista.
Ao longo, dois amantes, pela lista
De um carreiro, seguiam, passo a passo.

Foi um rico painel. Uma obra finda
A primor, que, apesar de velha, ainda
Conservava das cores a frescura.

Hoje, porém, não é como era dantes:
Pois no ponto onde estavam os amantes,
Existe apenas uma nódoa escura.

XV

Prece

*D'ou me viente, ô mon Dieu, cette paix qui m'inonde?
D'ou me vient cette foi dont mon coeur surabonde?*¹⁸

Lamartine.

Santa Maria, iluminai
A estrada aspérrima que trilho:
Ah! Por amor de vosso Filho!
Ah! Por amor de Vosso Pai!

Aos marinheiros que, no mar,
Temem as sirtes e os escolhos,
Dai-lhes a unção dos vossos olhos,
Dai-lhes a unção do vosso olhar.

Não peço glórias nem troféus
Que as amarguras não compensam:
Apenas quero que a vossa benção,
Só, muito embora, ó Mãe de Deus,

O camponês não queira o bus
Dos vossos olhos e nem vo-lo
Peça, mas peça um ferragoulo
Para cobrir os ombros nus.

¹⁸ De onde vem, ó meu Deus, esta paz que me inunda?
De onde vem esta fé que em meu coração transborda?

Ao miserável que cair,
Ao roto dai-lhes uma tira
Do vosso manto de safira
Para as feridas encobrir;

Às noivas pobres, enxovais;
Ao pecador, ao moribundo,
Dai-lhes o gozo do outro mundo
Longe das chamas infernais.

Dai-nos do vosso olhar a unção!
E que sejais sempre bendita
Lá nessa abóbada infinita,
Ó imaculada Conceição!

Santa Maria, iluminai
A estrada aspérrima que trilho!
Ah! Por amor de vosso Filho!
Ah! Por amor de vosso Pai!

XVI

Mãe

Embora a mágoa a aflija e a sorte a oprima,
O seu amor, como celeste esmola,
É um perfume sutil que se lhe evola
Do peito e sobe deste mundo acima.

Com que ternura a sua voz me anima,
Quando, pelo meu rosto, o pranto rola!
Ninguém, como ela, a minha dor consola,
Ninguém, como ela, o meu pesar lastima.

Julgo-me só e chamo-a... Ela não tarda!
Volta, acode-me, alegre; e, num momento,
Desfaz a dor que o coração me enluta.

Ela é a mais fiel, a mais constante guarda
Que, no meio da noite, o ouvido atento,
O meu suspiro entrecortado escuta.

XVII

Egito

No ar pesado, nenhum rumor, o menor grito;
Nem no chão calvo e seco o mais pequeno adorno;
Um velho ibe¹⁹ somente arranca um raro piorno²⁰
Que cresce pelos vãos das lajes de granito.

A aura branda, que vem do deserto infinito,
Arrepiá, ao de leve, a água do Nilo, em torno.
Corre o Nilo, a gemer, sob um calor de forno
Que, em ondas, desce do alto e invade todo o Egito.

Destacando na luz, agora, o vulto absorto
De um adelo que passa, em caminho da feira,
Dá mais um tom de mágoa ao vasto quadro morto.

Bate na areia o sol. E, num sonho tranquilo,
Pompeia, ao largo, a alvura uma barca veleira,
A tremer, a tremer sobre as águas do Nilo.

¹⁹ Ibe ou Ibis: ave do Egito.

²⁰ Denominação de vários tipos de arbusto do gênero retama.

XVIII

Musa impassível

Ó Musa, cujo olhar de pedra, que não chora,
Gela o sorriso ao lábio e as lágrimas estanca!
Dá-me que eu vá contigo, em liberdade franca,
Por esse grande espaço onde o Impassível mora.

Leva-me longe, ó Musa impassível e branca!
Longe, acima do mundo, imensidade em fora,
Onde, chamas lançando ao cortejo da aurora,
O áureo plaustro do sol nas nuvens solavanca.

Transporta-me, de vez, numa ascensão ardente,
À deliciosa paz dos Olímpicos Lares,
Onde os deuses pagãos vivem eternamente,

E onde, num longo olhar, eu possa ver contigo,
Passarem, através das brumas seculares,
Os Poetas e os Heróis do grande mundo antigo.

Secretaria de Editoração
e Publicações



